



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 108/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

A CIDADE MARAVILHUVOSA

São duas questões bem distintas: a chuvarada com enchentes e os desmoronamentos com perda de vidas.

Quanto à primeira, conta-se que o Dr. Blumenau, quando comandava a construção da sua bela cidade às margens do Itajaí, estranhou que os índios, bravios e donos do lugar, apenas observassem de longe os seus trabalhos, sem nenhuma manifestação de hostilidade. Intrigado, mandou que um intérprete-embaixador fosse ao encontro deles para indagar sobre a razão daquela passividade ante a invasão do território deles. Veio a resposta dos índios: “você não estão ocupando nossas terras; estão ocupando a terra do rio”.

Desde então, a cidade de Blumenau sofreu a calamidade das enchentes. Tal qual a cidade de Campos dos Goitacazes, na foz do nosso Paraíba. O rio cobra o seu território, mas no caso, não foi muito difícil resolver o problema, pagando o preço da construção de diques de proteção.

No caso da nossa Cidade, a questão é mais complicada. A agressão à nossa grande Mãe foi bem maior. O território era de morros e várias lagoas e pântanos que foram aterrados, de rios canalizados debaixo das ruas, e do próprio mar conquistado com entulho dos morros arrasados. Tudo isso à beira de montanhas portentosas, de grande inclinação, sobre as quais, na estação das chuvas, desabam estupendos aguaceiros. Que resultado se pode esperar? Eu vi fotografias dos anos 1910, há um século, mostrando barcos navegando nas ruas do Catete e da Tijuca. Enquanto o calçamento era de pedras, a água encontrava meios de se infiltrar pela terra; quando começou a modernidade da impermeabilização com asfalto, no início do século XX, a água exigiu redes de drenagem pluvial cada vez mais amplas e extensas.

Pois bem, a cidade foi crescendo e essas redes se foram construindo e reconstruindo com manilhas de diâmetro cada vez maior. No início, a superfície total impermeabilizada era bem menor porque as casas tinham jardins e quintais de terra, onde a água se infiltrava, e árvores onde ela era retida. Mas os quintais foram acabando, os tetos da cidade ficaram todos cimentados e, o pior, o chão asfaltado foi subindo os morros, com loteamentos legais que extinguiram a cobertura vegetal. Paralelamente, levas de trabalhadores foram chegando aos gorgolões, sem moradia, as favelas brotaram e se multiplicaram, arrancando a vegetação que antes retinha grande parte da água despejada. A enxurrada engrossou de tal maneira que hoje não há esgoto pluvial que dê conta do escoamento; até porque a declividade até o mar é pequena, na média, e quase nula em vários pontos. Isso para não falar do lixo que se joga nas ruas e nos canais, entupindo a vazão.

Por quê repito essas coisas por demais conhecidas? Para um pouco aliviar as orelhas dos prefeitos, mesmo que não sejam da minha linha política. Por justiça e por solidariedade humana. Eu já fui prefeito; enfrentei uma chuvarada dessas em janeiro de 88, sei o que é o desespero da impotência diante das ruas alagadas e das encostas desmoronando. Então, minha gente, desculpem os sofrendores e os indignados da hora (um disse: eu não tinha nada e perdi tudo), mas temos que conviver com essa calamidade carioca. Não temos que conviver com desmoronamentos e mortes, isso não, mas com alagamentos, acho que é inevitável. Graças a Deus não temos terremotos e furacões como tantas outras cidades que ficam literalmente arrasadas. Temos essas tempestades tropicais que, na topografia que faz a maravilha do Rio, causam grandes desacertos na vida da gente durante alguns dias por ano. Muito pior, a meu juízo, é o trânsito que inferniza todo dia e mata muita gente. Este, para mim, é o grande problema do Rio atual. É a nossa calamidade permanente.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 108/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Não quero dizer que não haja nada a ser feito; evidentemente vale insistir em algumas providências óbvias: manter cuidadosa e permanentemente limpas as vias de drenagem pluvial; conter por todas as formas a ocupação das encostas e reflorestar o que for possível; e nunca mais aterrar mais nada nesse Rio de Janeiro.

Agora, a outra questão que referi no início, que é a principal, a mais grave, que acarreta aquilo que não se pode tolerar, com o que não se pode mais conviver: a ocupação de moradia em áreas de risco! Nos morros e nas margens de rio. As perdas de vida por deslizamento das encostas e por afogamento na correnteza. Isso não dá mais! E não pode haver nada mais prioritário, já que se trata de preservar a vida humana ameaçada. Um programa de construção de moradias para as famílias que moram em áreas de risco é o que se pode e deve fazer de mais importante e mais urgente, em relação a esse problema das chuvas e enchentes na Cidade. Não se pode confundir, de modo algum, a retirada dessas famílias que correm risco de vida com a política de remoção de favelas do passado, que visava tirar a pobreza da vista das classes média e rica da população. Acho que esse programa habitacional de salvação já devia ter sido feito, sim, aí vale a crítica forte às autoridades, de hoje e de ontem. Mas sei também como funciona o regime democrático, no qual as providências dependem tanto da pressão da sociedade. E, quando envolvem mudança forçada de pessoas das suas moradias, complicam-se enormemente, até com intervenções judiciais. Agora, diante da tragédia, a pressão está automaticamente desencadeada. Assim mesmo, o acompanhamento da providência é absolutamente necessário, junto com um esforço de mobilização de todo o povo do Rio no caso de atraso ou negligência. Consciência política é isso: participação, interesse pela coisa pública.

No mais, conviver com as enchentes no verão. Sem mortes e desabamentos, claro. E, se possível, com o humor carioca. Não adianta xingar o prefeito; nem o atual nem os anteriores. Em matéria de paciência, esse transtorno de alguns dias de chuarada exige muito menos do que o desgaste físico e nervoso, todo dia, nos deslocamentos pelas ruas entupidas da Cidade, pelo metrô e pelos trens já saturados. Aqui também cabe outra mobilização.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br